

Graça Rio-Torto (Universidade de Coimbra, DLLC, CELGA-ILTEC)

RUMOS DE MUDANÇA NA GRAMÁTICA E NO LÉXICO

A mudança de uma língua, como a de tudo o mais, é permanente e inexorável. Sendo nossa contemporânea, nem sempre nos apercebemos dela no imediato. Às vezes constatamos que há novas formas que começam a ser adotadas, sem sabermos se serão ou não fixadas pelo uso futuro. Quando as alterações não envolvem recurso a construções ou unidades externas à língua, como a importação de estrangeirismos, a natureza mais/menos endógena ou mais/menos exógena das motivações que presidem às mudanças adquire contornos complexos e gradientes cuja teia de correlações aqui procuramos destrinçar.

Analisa-se dados de natureza ‘gramatical’ e de natureza ‘lexical’ para melhor se prescrutarem as razões das mudanças envolvidas e se avaliar se os rumos e as motivações diferem ou não em ambos os domínios. Começamos pela manifestação pujante das relativas cortadoras com o verbo *gostar*, cuja preposição *de* está em franco desuso, seja no Brasil, seja em Portugal. Analisamos depois a coexistência de verbos *botar*, *pôr* e *colocar*, no PB e no PE, e por fim exploraremos a competição entre sufixos e prefixos, em vista ao conhecimento das motivações dos caminhos e das motivações das mudanças assinaladas.

Construções relativas cortadoras com *GOSTAR DE*

Como em outras línguas, nomeadamente a castelhana (cf. San Martín Núñez 2016, entre outros), na língua portuguesa contemporânea assistimos à coexistência de duas construções regidas pelo verbo *GOSTAR* + argumento nominal: a tradicional, em que o verbo seleciona *DE*; e a mais recente, em que há redução da expressão regencial do verbo *gostar* em frases relativas que passam a ser cortadoras de *DE*.

No português padrão, o verbo *gostar* faz-se acompanhar obrigatoriamente da preposição *DE* com argumentos nominais ("gosta de samba" vs. "*gosta samba") e com argumentos oracionais infinitivos ("gosta de brincar na neve" vs. *gosta brincar na neve).

Todavia, em circunstâncias não apenas informais, falantes mais e menos jovens, mais e menos instruídos, usam o verbo *gostar* e seu complemento nominal desacompanhado da preposição DE. Os testemunhos que se seguem, oriundos do PB e do PE, e de falantes de perfis socioculturais e etários variados — professor Moisés Costa (32 anos), programador Leonardo Lobato, estudante de administração Liana Lima, treinadores de futebol como José Mourinho (56 anos) ou Rui Vitória (49 anos), ilustram que o fenómeno é transversal a todos os falantes (nos excertos seguinte os sublinhados são da nossa responsabilidade):

(1) Preciado 'tinha tudo aquilo que gosto nas pessoas e nos esportistas: carácter, transparência e coragem para enfrentar os golpes da vida', diz Mourinho ...

<https://veja.abril.com.br/.../preciado-tinha-tudo-aquilo-que-gosto-na...> 7 Junho 2012

(2) Rui Vitória: "Sou feliz e um privilegiado por fazer aquilo que gosto" (<https://desporto.sapo.pt/futebol/liga-dos-campeoes/artigos/rui-vitoria-sou-um-feliz-e-privilegiado-por-fazer-aquilo-que-gosto>) Acesso em: 6 maio 2019.

(3) 5 livros ruins que eu gosto (<https://www.youtube.com/watch?v=i6vSKYSb050>). Acesso em: 6 maio 2019.

(4) 5 Livros bons que eu não gosto (<https://www.youtube.com/watch?v=cvEidKue7HM>). Acesso em: 6 maio 2019.

(5) «Para Leonardo Lobato, o cuidado com o apartamento não interfere na vida profissional. Leonardo conta com a ajuda de uma diarista mas fazer compras no supermercado é uma das tarefas que ele menos gosta. Frederico Martins <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/04/paraibanos-que-moram-sozinhos-sao-115-da-populacao-do-estado.html> 04/04/2015 19h05. Acesso em: 6 maio 2019.

(6) «Como [...] trabalho com estudo e pesquisa eu achei interessante ter um lugar em que eu entre, e o lugar em si [...] me inspire [...] a fazer aquilo que eu gosto que é estudar e ler", disse Moisés.» Frederico Martins <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/04/paraibanos-que->

moram-sozinhos-sao-115-da-populacao-do-estado.html 04/04/2015 19h05. Acesso em: 6 maio 2019.

(7) «O ambiente no meu apartamento que eu mais gosto é a minha sala", finalizou Liana.» Frederico Martins <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/04/paraibanos-que-moram-sozinhos-sao-115-da-populacao-do-estado.html> 04/04/2015 19h05. Acesso em: 6 maio 2019.

Em Portugal, a difusão deste traço tornou-se tão impressiva que um programa televisivo de informação/aconselhamento sobre a Língua, com a chancela da Porto Editora, se debruça já em 2015 sobre a dualidade: "As coisas que eu gosto" ou "as coisas de que eu gosto"? <http://ensina.rtp.pt/artigo/as-coisas-que-eu-gosto-ou-as-coisas-de-que-eu-gosto/>. Acesso em: 6 maio 2019.

No curto inquérito que, no âmbito deste programa, se dirige a utentes, as respostas dos inquiridos são de 3 com frase relativa cortadora (de 2 jovens e de um adulto) e de 7 com a presença de DE, ainda que em alguns casos com hesitações, que constituem testemunho da variação e mudança em curso. O programa, de claro pendor normativista e conservador, aponta para a solução que considera a única ‘correta’, por ser a da norma culta — a que envolve DE —, nem se questionando sobre a variação e a mudança em curso.

Quando e porque é possível a dispensa da preposição? Certamente (i) quando e porque a semântica do verbo é bem clara e unívoca, com ou sem preposição (ii) quando e porque este verbo não é multipreposicionado, circunstância em que o seu sentido certamente variaria em função da preposição selecionada (cf. *estar em, estar com, estar para, estar de*). Assim sendo, a ausência da preposição em nada altera a informação semântica e o funcionamento do verbo, sendo pois dispensável, aos olhos dos falantes mais pragmaticistas. Acresce que a variação na presença/dispensa da preposição se regista desde a idade média (cf. Delicado Cantero 2014), pelo que o apagamento de DE já se encontra atestado desde há vários séculos em algumas construções (*estar certo (de) que, lembrar-se (de) que, gostar (de) que*). Assim sendo, a dispensa de uso de DE — a variante ‘Ø que’ — não é algo de não inscrito na gramática mental dos falantes. Se aceitarmos que um fenómeno como o queísmo (cf. Mollica 1989) é regulado pelos princípios da analogia, do processamento e da iconicidade, nas estruturas mais típicas como aquela a que nos reportamos — «N [de] que gosto» — a presença da preposição não é icónica, revelando-se

onerosa em termos de processamento e funcionalmente dispensável. Sendo *gostar* um verbo ‘Case-defective’ (Duarte 2003: 637), o que dispensa a presença de uma preposição em frases finitas, e atendendo a que o argumento nominal do verbo *gostar* está obrigatoriamente explícito, a presença da preposição tem uma função meramente formal e redundante, já não de atribuição de CASO, pelo que se torna tanto menos indispensável quanto mais vazia de semantismo.

Assim, a omissão de preposição DE antes do complementador *que* em complementos oracionais oblíquos finitos selecionados pelo verbo *gostar* estende-se a situações que envolvem complementos nominais, derogando a situação padrão que impunha a presença da preposição. Sendo esta redundante e argumentalmente desnecessária, a preposição acaba por ser eliminada, libertando a língua da aplicação de um Filtro de Caso restrito às expressões nominais.

O estudo de San Martín Núñez sobre a correlação entre a presença — considerada gramaticalmente necessária na língua castelhana — e a ausência de uma preposição antes de *que*, nomeadamente relativo, e algumas variáveis sociodemográficas, como grupo socioeconómico, sexo e idade dos informadores, revela que quer os factores externos, quer os internos, atuam no uso crescente do queísmo. Assim, o queísmo predomina entre falantes de estrato socioeconómico mais baixo e é mais elevado no universo feminino. Quanto aos factores internos, ele ocorre maioritariamente com omissão de preposição «delante de un *que* conjuntivo en estructuras regidas por verbos pronominales (86,8%), ante un *que* relativo (67%), en locuciones preposicionales, conjuntivas o adverbiales (56,2%) y en los complementos regidos por adjetivos (50,8%)» (San Martín Núñez 2016: 226). Nas demais circunstâncias, o fenómeno é muito menos frequente.

Botar, pôr, colocar

Coexistem na língua portuguesa os verbos *botar*, *pôr*, *colocar* com valores semânticos parcialmente idênticos, mas com marcas de uso diversas no português europeu e no português brasileiro.

No Português europeu contemporâneo *botar* é um verbo de uso rústico, rural, representando a variante não prestigiada de *pôr* ou de *colocar*. A tabela seguinte visualiza com exemplos essa realidade.

PE	variante não prestigiada	variante prestigiada
	Botar defeito em tudo	Pôr defeito em tudo
	Botar o livro na estante	Pôr/colocar os livros na estante
	Botar os filhos na escola	Pôr os filhos na escola
	A galinha botou 2 ovos	A galinha pôs 2 ovos

Tabela 1. *Botar* nas variantes prestigiada e não prestigiada do PE

Já no Português do Brasil, e a fazer fé nas gramáticas de referência contemporâneas — como as de Ataliba de Castilho, de Carlos Azeredo, de Evanildo Bechara, de Maria Helena de Moura Neves — o verbo *botar* não sofre de qualquer desprestígio, sendo usado nas mais diversas situações formais e informais por parte de todos os falantes. Uma pesquisa *online* na Revista *VEJA* identifica 511 ocorrências de *botar*, havendo algumas de falas de ministros, como «O ministro da Fazenda [...] afirmou nesta quarta-feira que a proposta de criação de um teto para a dívida pública disciplina o gasto público [...] “Ao se botar um teto no pagamento da dívida, evidentemente passa-se um sinal importante em relação à propensão ao endividamento. [...]» (cf. <https://veja.abril.com.br/economia/levy-defende-teto-para-divida-publica/> 05/11/2015 (Nilton Fukuda/Estadão Conteúdo). Acesso em 5 de agosto de 2019.

A taxa de ocorrência de *botar* no PE (cf. <https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>) e no PB (cf. <https://www.linguateca.pt/CETENFOLHA/>) é de 50 vs. 330 e a distância aumenta se tivermos em conta as abonações de *botar* no *Corpus Brasileiro v. 5.1*, que ascendem a 3627, ou os do *C-Oral-Brasil* (24 cocorrências) vs. os do *Projeto AC/DC: corpo Português Falado - Documentos Autênticos*, relativos ao PE, que apenas somam 4 ocorrências.

São escassos os dados que permitam situar no tempo a emergência do factor de desprestígio associado ao uso de *botar* no Português europeu; sendo atestado que o verbo *botar* é usado com o sentido de ‘pôr’ e de ‘colocar’ em textos de Fernão Mendes Pinto, de Gil Vicente, de D. Francisco Manuel de Melo.

Quais as razões que terão motivado o desprestígio deste verbo no português europeu, que foi praticamente excluído da fala culta lusitana ¹? Porque assim não aconteceu no português brasileiro? Os verbos *pôr* e *colocar* têm origem mais recuada (latim *pōnēre*, e a *cum+locare* ‘pôr num lugar’). Já *botar* remonta ao latim vulgar **bottare*, e este terá origem frâncica.

Não há vestígios de marcas diatópicas e/ou diafásicas acerca do uso deste verbo em dicionários consagrados, como o de Bluteau (1712-1728) ou o de Domingos Vieira (1871-1874). Em Bluteau, *botar* é descrito como significando «Lançar. Botoua fora de casa. [...]. Botar huma cousa sobre outra. [...] Botar hum navio ao mar. [...] Botar a perder. Perverter. Desencaminhar. [...] Botar a fugir.». Na 2ª ed. (1844) do *Diccionario* de Solano Constâncio, *botar* aparece em construções que hoje consideraríamos fixas, como *botar ferro* ‘lançar a âncora’, *botar a perder*, *botar os bofes pela boca* e, nas hoje mais conservadoras *botar fora* ‘expelir’, *botar lucto* ‘deitar, pôr lucto’, *botar o meloal* ‘deitar-lhe terra nova, chegá-la às raízes’. A descrição de Domingos Vieira não difere destas duas.

Mas no Dicionário de Caldas Aulete, de 1881 (p. 237), surgem informações preciosas sobre as marcas diafásicas (de vulgarismo e de menor polidez) que viriam a afetar este verbo (sublinhados nossos): «(vulg.) tem as mesmas acepções que o verbo *deitar*, mas é de uso menos polido: *Botar* agua no vinho. *Botar* o lixo fora. *Botar* a esmola na bandeja. *Botar* âncora». A estas informações seguem-se as que envolvem fixidez de sentido e as de usos intransitivos. (cf. foto seguinte).

¹ No PE, o verbo *botar* surge em lexis fixas marcadas por forte expressividade, como em *botar faladura*, *botar discurso*, *botar palavra*.

o ou superficie.
 amarrar com
 to do boi. || F.
 l.) especie de
 s. || F. *Bosta* +
 o mesmo que
 vasa, que se
 paralho de cin-
 e maior para
 nove até dois,
 nança com o do
 dade da Ame-
 ol.) genero de
 etrameros, fa-
ichus.
 nariamente de
 erna. [É usado
otas de agua,
 xa. || *Botas* de
 para calçar por
 . || Especie de
 . b. lat. *Botta*.
 (art.) pau que
 ra lançar fogo
 á fogo á peça.
 as ou suscita
tar + *fogo*.
 acto de deitar
 (Fam.) O acto

lha. [Os botões tambem se empregam como ornato.]
 || Falar com os seus *botões*, falar só; consultar-se
 a si mesmo antes de tomar uma resolução. || Peque-
 na peça arredondada que se prende a alguma coisa
 por uma haste ou pé: O *botão* da porta ou da fecha-
 dura. O *botão* ou ponto de mira de uma arma. O
botão de uma tampa, de uma mola. O *botão* de cula-
 tra de uma peça de artilheria, etc. || *Botão* de flore-
 te, bola de pau ou de coiro que se lhe põe na ponta
 para que a estocada não fira. || *Botão* de fogo (ci-
 rurg.), instrumento cirurgico terminando por um
 botão de aço, que se aquece para cauterizar. || *Botão*
 de oiro (bot.), planta da familia das ranunculaceas
 (*ranunculus escriis* e *r. repens*), que dá uma pequena
 flor globulosa e amarella. || *Botão* de prata (bot.),
 planta da familia das compostas, que dá uma flor
 branca em fôrma de botão. || F. r. sanskrita *Bhut*,
 existir; coisa creada.

Botar (bu-tár), *v. tr.* (vulg.) tem as mesmas ac-
 cepções que o verbo deitar, mas é de uso menos po-
 lido: *Botar* agua no vinho. *Botar* o lixo fóra. *Bo-*
tar a esmola na bandeja. *Botar* ancora. Eu, sem
 cara carrancuda, chego, *boto* o olho, e venço. (Casti-
 lho.) || *Botar* discurso, recital-o. || *Botar* cavallo, *botar*
trem, metter-se em luxo de ter cavallo ou trem. || —,
v. intr. (p. us.) sahir; formar saliencia, estender-se:
 Lingua de terra de duas milhas que *bota* pelo mar
 dentro. || *Botar* a fugir, fugir correndo. || —, *v. pr.*
 lançar-se, arremessar-se: *Botar-se* a alguém. || Atre-
 ver-se, arrojar-se: *Botar-se* a uma empreza.

Botar (bu-tár), *v. tr.* tornar boto, embotar, fa-
 zer perder o gume ou a ponta de uma arma, de
 um utensilio. || (Fig.) Tornar rombo, obtuso, menos
 vivo e perspicaz (alguma faculdade intellectual).
 || —, *v. pr.* embotar-se. || *Botarem-se* os dentes, tor-
 narem-se botos. || *Botar-se* o vinho, azedar. || F. *Boto*

Foto 1. *Botar* no *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza* (1881) de Caldas Aulete
 (foto da autora)

Em algum momento — situado por certo no século XIX — as elites cultas portuguesas terão passado a considerar o recurso ao verbo *botar* como menos prestigiante, ficando o uso deste progressivamente confinado aos falantes menos diferenciados e/ou a áreas dialectais mais marcadas diatopicamente, sendo portanto excluído do português padrão culto.

No PB atual, e segundo o Houaiss (<https://www.dicio.com.br/houaiss/>: acesso em 5 de agosto de 2019), *botar* é descrito como «Pôr (ovos): a galinha *botava* muitos ovos; [...] Tirar de um lugar e colocar em outro; estabelecer nesse lugar; colocar: *botar* a bola sobre a mesa. Conceder características a; atribuir, imputar: *bota* apelido nos alunos; Colocar a responsabilidade em: *botou* a conta em seu nome; Inserir no interior se; meter: *botar* o leite no copo; [...] Vestir-se, calçar-se: *botar* um vestido, uma roupa, um sapato; Tornar permanente; ficar: *botar* o colchão na cama».

Embora *pôr* ou *colocar* estejam muito mais representados que *botar* nos textos escritos do PB ou do PE, a diferença entre os dados de uma e de outra variantes nacionais não deixa margem para dúvidas.

Este distanciamento poderá inscrever-se num dos grandes intervalos de inflexão que balizam a emergência de novas gramáticas, um dos quais se situa no início do século 18 (Galves 2006; Cardeira 2009; Martins 2016), pois é a partir deste que se diferenciam de forma mais sistemática e sistêmica o português brasileiro e o português europeu moderno.

Estamos, pois, perante um caso de equivalência potencial entre três verbos, mas cujo uso é sujeito a restrições de natureza diafásico-diastrática nas duas grandes diatopias — a brasileira e a europeia — do português contemporâneo. Falta apurar quais as razões objetivas e subjetivas que explicam essa diferenciação tão marcada dois lados do Atlântico.

Sufixos e Prefixos: variantes vernaculares e variantes eruditas

Há muito que é defendida a tese de que quando os afixos estão em competição recíproca pode ter lugar a anulação de um deles ou a sobrevivência de ambos, na condição de um deles se acantonar num nicho de especialização (cf., entre outros, Lindsay; Aronoff 2013).

A redundância morfológica/afixal nunca é total, mas parcial. Frequentemente há coexistência de afixos derivacionais com papéis similares, mas não iguais, porque uns são portadores de propriedades especializadas (semantismo, restrições de seleção, por exemplo) e/ou

estão sujeitos a diferentes condições (diatópicas, diafásicas, pragmáticas) de uso, diferenciando-se uns dos outros dentro do mesmo paradigma.

Os sufixos *-nça* e *-ncia* e os prefixos *inter-* e *entre-* ilustram estas premissas. Nos dois casos estamos perante variantes vernaculares (*-nça* e *entre-*) e variantes eruditas (*-ncia* e *inter-*), pelo que importa avaliar em que medida as mudanças nos sistemas derivacionais privilegiam uma ou outra das configurações.

Como sustenta Rio-Torto (2012), alguns dos dados derivacionais marcantes da mudança do português médio (1385-1536) para o português clássico envolvem os seguintes fluxos afixais, entre outros: (i) perda de produtividade de *-mento* em favor de *-ø/-ção*; e (ii) substituição de *-nça* por *-ncia*.

No português arcaico, o vernáculo *-nça* sempre teve menos representatividade que *-mento* e que *-ção* (Soledade 2004).

Numa fase de relatinização da língua, como a que no Renascimento tem lugar, alguns dos nomes em *-nça* (*avondança*, *concordança*) foram substituídos pelos corradicais em *-ncia* (*abundância*, *concordância*). Outros deixaram de ser usados (*estremança*) ou foram substituídos por post-verbais: *desesperança* > *desespero*; *desgovernança* > *desgoverno*; *desvairança* > *desvairo*; *mostrança* > *mostra* (coexistente com *mostramento*). O peso crescente de *-idade* faz-se sentir na substituição de *desiguallança* por *desigualdade*, *igual(d)ança* por *igualdade*.

Sendo *-nça* uma forma marcada como arcaica, o seu correlato *-ncia* viria a combinar-se preferencialmente com bases verbais (*alternância*, *discordância*, *implicância*, *militância*, *traficância*, *variância*), mas tem também perdido disponibilidade criativa, com exceção de algumas inovações no âmbito dos tecnolectos (*admitância*, *capacitância*, *luminância*, *radiância*, *transcondutância*). O sufixo *-nça*, uma vez limitado na sua disponibilidade para formar nomes de estado (*maridança*, *semelhança*), viria a adquirir valores expressivos e/ou de intensidade (*comilança*, *festança*, *molhança*, *papança*), tendo actualmente um peso residual no sistema derivacional da língua portuguesa. A supremacia de outros sufixos nos paradigmas de nominalização deverbal (como *-ção* e *-mento*) e deadjetival (como *-idade*) explicam a retração quer do vernáculo *-nça* quer do erudito *-ncia* (Rio-Torto; Rodrigues 2016).

Nomes em <i>-nça</i> que perderam vitalidade	Nomes em <i>-nça</i> que se mantêm em uso
Avondança - abundância	abastança, andança, segurança,

	tardança, temperança
Concordança - concordância	governança - governo
desvairança - desvairo	lembrança - lembramento
ensynança - enssyno	mudança - mudamento
igual(d)ança - igualdade	
mostrança - mostramento - mostra	
perdoanças	

Tabela 2. Nomes em *-nça* que perderam vitalidade e nomes que se mantêm em uso

Observemos agora o comportamento do par divergente *entre-/inter-*. Tendo a mesma origem etimológica, raramente estes dois prefixos funcionam como verdadeiramente equivalentes e intermutáveis (cf. *entreajudar/interajudar*, *entreligar/interligar*, *entrecruzar/intecruzar*).

Inter- é, por excelência, o prefixo usado para codificar a bilateralidade e a reciprocidade (Rio-Torto 2019). Combina-se com bases nominais (*interajuda*, *intercomunicador*), verbais (*interagir*, *intercomutar*) e adjetivais (*interlabial*, *interuniversitário*). Este prefixo pode ter um sentido locativo (espaço *interdepartamentos*, fronteira *intermunicipal*) e um sentido de bilateralidade/reciprocidade (colaboração *intermunicipal*).

Já *entre-* se encontra em clara regressão, não obstante se combinar com bases verbais (*entreabrir*, *entreajudar*, *entrecruzar-se*, *entreolhar*), adjetivais (*entrefino* ‘entre o fino e o grosso, nem fino nem grosso’) e nominais (*entrefolha*, *entrelinha*). O prefixo *entre-* está presente em palavras mais antigas e de sentido cristalizado, como *entrecosto* ‘carne entre as costelas da rês; espinhaço com carne e parte da costela da rês’, *entremeio* ‘tira rendada que liga dois espaços lisos de tecido’, *entretela* ‘pano forte que se mete entre o forro e o tecido exterior’, *entremanhã* ‘o crepúsculo matinal’). Em verbos, o seu sentido é de reciprocidade (*entreajudar-se*), envolvendo uma relação bidirecional entre membros, ou de incompletude, como em *entreabrir*.

Face a *inter-*, *entre-* tem perdido disponibilidade (Nunes 2011: 158-162), acantonando-se na esfera do locativo (*entrededo*) e do avaliativo (*entreabrir*). Fica assim o caminho aberto a *inter-* para a expressão da reciprocidade interativa (*intercomunicar*, *interministerial*) e, por certo em menor escala, da locatividade (*interdental*).

Face ao exposto, constata-se que neste caso a língua não excluiu nenhuma das formas divergentes, mantendo-se a mais antiga e vernacular (*entre-*) ainda usada pelos falantes, se bem

que com menor produtividade que a forma erudita (*inter-*), crescentemente mais representada nos dicionários a partir do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1939).

Considerações finais

As línguas têm a capacidade de se reorganizarem, estando em constante ebulição e mudança. Em todos os domínios, dos mais gramaticais, como o das relativas cortadoras, aos mais lexicais, como os que envolvem os verbos *botar*, *colocar* e *pôr*, os sufixos *-nça* e *-ncia* e os prefixos *entre-* e *inter-* a língua evidencia uma dinâmica de uso que pode ter motivações internas e/ou externas, assentes em factores de economia, de expressividade, de iconicidade, de prestígio, entre outros.

As construções menos icónicas e/ou mais onerosas em termos de processamento tendem a perder terreno. Será o caso da presença da preposição *DE* seleccionada pelo verbo *gostar* em frases relativas: sendo redundante para a expressão argumental do predicado verbal, tende a ser dispensada. Os recursos menos prestigiados também são objeto de uma escolha menos frequente. Será o caso do verbo *botar* no português culto e padrão europeu, mas não no português vernacular brasileiro. Será também o caso dos vernaculares *-nça* e *entre-* face aos eruditos *-ncia* e *inter-*.

Vários factores contribuem para a projeção ou para a retração de um sufixo. Os vernáculos *-nça* e *entre-* perderam força face a *-ncia* e *inter-* certamente devido à pujante relatinização ocorrida. No âmbito dos sufixos, *-idade*, mais flexível em termos de combinatórias e de seleção, ganhou a melhor.

No caso da relativa cortadora de *DE* pode admitir-se que se faz *jus* ao *Princípio da Motivação Maximizada* proposto por Goldberg (1995: 67-68); para um europeu culto, o uso preferencial e expressivo de *botar* no PB ilustra o *Princípio do Poder Expressivo Maximizado*, que se encontra cancelado para este verbo no português europeu, uma vez que é marcado diastraticamente como rústico. No que diz respeito à coexistência dos pares *-nça* / *-ncia* e *entre-/inter-*, os *Princípios da Não Sinonímia* e da *Economia Maximizada* explicam a relativa especialização de domínios de cada um. A maior disponibilidade das formas eruditas *-ncia* e *inter-* face às vernaculares tem certamente a ver com a maior opacidade destas (*-nça*, *entre-*), menos próximas das latinas, face às mais internacionais (*-ncia* e *inter-*), o que as torna de processamento mais fácil e, como tal, de motivação e de funcionalidade maximizadas.

Referências

- AULETTE, F. J. Caldas. **Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza**. Feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa: Imprensa Nacional. 1881.
- BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario portuguez e latino**. 10 vols., sendo os dois últimos de Suplemento ao *Vocabulário portuguez e latino*. Coimbra – Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus. Pascoal da Silva, 1712-1728.
- CARDEIRA, Esperança. Revisitando a periodização do português: o português médio. **Domínios da lingu@gem** vol. 2, n. 2, p. 103-113, 2009.
- DELICADO CANTERO, Manuel. Dequeísmo and queísmo in Portuguese and Spanish. In: AMARAL, Patrícia; CARVALHO, Ana Maria. **Portuguese-Spanish Interfaces. Diachrony, synchrony, and contact**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 95-120.
- DUARTE, Inês. Subordinação completiva – as orações completivas. In: MATEUS, Maria Helena et al. (Eds.), **Gramática da língua portuguesa**. 7ª ed. Lisboa: Caminho. 2003. p. 593-651.
- FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa: redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocabulários até agora registados nos melhores dicionários portugueses**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1939. 2 vols.
- GALVES, Charlotte et al. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHAFER-PRIET, Barbara (Org.). **Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch**. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006. p. 45-75.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- LINDSAY; Mark; Mark ARONOFF. Natural selection in self-organizing morphological system. In: Nabil HATHOUT; Fabio MONTERMINI; Jesse TSENG (eds.). **Morphology in Toulouse. Selected Proceedings of Décembrettes 7** (Toulouse, 2-3 December 2010). Munchen: Lincom Europa. 2013. p. 133-153.
- MARTINS, Ana Maria. Introdução: O português numa perspectiva diacrónica e comparativa. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina (eds.), **Manual de Linguística Portuguesa**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016. p. 1-39.

MOLLICA, Maria Cecília. **Queísmo e dequeísmo no português do Brasil**. Dissertação de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1989.

Morais Silva, António de. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau/reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. 2 vol.s. 1789.

NUNES, Susana. **Prefixação de origem preposicional portuguesa na língua portuguesa**. Dissertação de Doutorado em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2011.

RIO-TORTO, Graça. Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização. In: LOBO, Tânia et al. (Orgs.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 305-322.

RIO-TORTO, Graça. **Prefixação no português contemporâneo**. São Paulo, Cortez Editora. 2019.

RIO-TORTO, Graça; RODRIGUES, Alexandra. Formação de nomes. RIO-TORTO, Graça (ed.), Alexandra RODRIGUES, Isabel PEREIRA, Rui PEREIRA, Sílvia RIBEIRO. **Gramática derivacional do português**. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra: 135-240.

SAN MARTÍN NÚÑEZ, Abelardo. Análisis sociolingüístico del queísmo en el español hablado en Santiago de Chile. **Estudios Filológicos**, vol. 58, p. 207-228, 2016.

SOLANO CONSTÂNCIO, Francisco. **Novo Dicionario Crítico e Etymologico da Lingua Portugueza**. Paris: Angelo Francisco Carneiro, editor proprietario. 1844.

SOLEDADE, Juliana. **Semântica morfolexical. Contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico**. 2 tomos. Tese de Doutorado em Letras, área de Linguística Histórica, Universidade Federal da Bahia (orientação Rosa V. Mattos e Silva; Graça Rio-Torto). 2004.

VIEIRA, Domingos. **Grande Dicionario portuguez ou Thesouro da lingua portugueza**. Publicação feita sobre o manuscrito original, inteiramente revisto e consideravelmente augmentado. 5 vols. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874.

Fontes electronicas

<https://www.dicio.com.br/houaiss/>Acesso em: 5 agosto 2019.

<https://www.linguateca.pt/CETENFolha/>. Acesso em: 6 maio 2019.

<https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>. Acesso em: 6 maio 2019.

[https://www.linguateca.pt/Corpus Brasileiro v. 5.1.](https://www.linguateca.pt/Corpus_Brasileiro_v.5.1/) Acesso em: 6 maio 2019.

[https://www.linguateca.pt/C-Oral-Brasil.](https://www.linguateca.pt/C-Oral-Brasil/) Acesso em: 6 maio 2019.

[https://www.linguateca.pt/Projeto AC/DC: *corpo Português Falado - Documentos Autênticos.*](https://www.linguateca.pt/Projeto_AC/DC:corpo_Português_Falado_-_Documentos_Autênticos/)
Acesso em: 6 maio 2019.

<https://veja.abril.com.br/economia/levy-defende-teto-para-divida-publica/05/11/2015> (Nilton Fukuda/Estadão Conteúdo). Acesso em: 5 agosto 2019.